

Luta anticolonial nos Estados Unidos: teoria e prática do Partido Pantera Negra

Luan Cardoso Ferreira* ^I

Edson Mendes Nunes Junior** ^{II}

^I Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

^{II} Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ, Brasil

Resumo

O artigo investiga a conexão do Partido Pantera Negra com o campo de lutas anticoloniais, assumindo como norte a ideia de que suas reflexões foram capazes de propor novos fundamentos teóricos para se pensar a dominação racial nos Estados Unidos e de lhes permitir construir novos laços políticos. Nesse sentido, realizamos uma pesquisa de caráter histórico sobre as autobiografias dos fundadores (Huey P. Newton e Bobby Seale) e sobre edições do jornal oficial do partido (*The Black Panther*), somada a uma análise de conteúdo centrada nos textos da seção do jornal dedicada especificamente a assuntos internacionais (*International News*), com o objetivo de visualizar posicionamentos públicos, reflexões teóricas e atividades práticas que aproximam os Panteras do anticolonialismo. Verificou-se, então, que os Panteras Negras deram desenvolvimento a uma chave de análise que pensa a dominação racial nos Estados Unidos como um tipo de colonialismo interno, perspectiva que norteou sua própria vida política concreta – levando-os a se inspirarem e se solidarizarem com lutas anticoloniais ao redor do mundo e a estabelecerem diferentes laços internacionais (ao menos em seu período de maior impacto social, até 1971).

Palavras-chave: anticolonialismo; colonialismo interno; Estados Unidos; movimento negro; Partido Pantera Negra.

Lucha anticolonial en los Estados Unidos: teoría y práctica del Partido Pantera Negra

Resumen

El artículo investiga la conexión del Partido Pantera Negra con el campo de las luchas anticoloniales, partiendo de la idea de que sus reflexiones fueron capaces de proponer nuevos fundamentos teóricos para pensar la dominación racial en los Estados Unidos y les permitieron construir nuevos lazos políticos. En este sentido, realizamos una investigación de carácter histórico sobre las autobiografías de los fundadores (Huey P. Newton y Bobby Seale) y sobre las ediciones del periódico oficial del partido (*The Black Panther*), además de un análisis de contenido centrado en los textos de la sección del periódico dedicada específicamente a asuntos internacionales (*International News*), con el objetivo de visualizar posiciones públicas, reflexiones teóricas y

* Doutorando em Ciência Política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Mestre em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense. Pesquisador do Núcleo de Estudos de Teoria Social e América Latina da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Laboratório Cidade e Poder da Universidade Federal Fluminense. E-mail: ferreira.luancardoso@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/2344421884492739>. <https://orcid.org/0000-0002-1880-1899>

** Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal Fluminense. Foi professor substituto do Departamento de Ciência Política do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro entre 2021 e 2023. E-mail: edsonmnunesjunior@gmail.com. <http://lattes.cnpq.br/2154770035468123>. <https://orcid.org/0000-0001-8512-7454>

Recebido em 20 de dezembro de 2024 e aprovado para publicação em 24 de abril de 2025.



actividades prácticas que acercan a los Panteras al anticolonialismo. Se comprobó, entonces, que los Panteras Negras desarrollaron una clave de análisis que concibe la dominación racial en los Estados Unidos como un tipo de colonialismo interno, perspectiva que guió su propia vida política concreta, lo que los llevó a inspirarse y solidarizarse con las luchas anticoloniales en todo el mundo y a establecer diferentes vínculos internacionales (al menos en su período de mayor impacto social, hasta 1971).

Palabras clave: anticolonialismo; colonialismo interno; Estados Unidos; movimiento negro; Partido Pantera Negra.

Anti-colonial struggle in the United States: theory and practice of the Black Panther Party

Abstract

This article investigates the connection between the Black Panther Party and the field of anti-colonial struggles, based on the idea that its reflections were capable of proposing new theoretical foundations for thinking about racial domination in the United States and allowing them to build new political ties. In this sense, we conducted historical research on the autobiographies of the founders (Huey P. Newton and Bobby Seale) and on editions of the party's official newspaper (*The Black Panther*), in addition to a content analysis focused on the texts of the section of the newspaper dedicated specifically to international affairs (*International News*), with the aim of visualising public positions, theoretical reflections, and practical activities that brought the Panthers closer to anti-colonialism. We found that the Black Panthers developed an analytical framework that views racial domination in the United States as a type of internal colonialism, a perspective that guided their own concrete political life – leading them to be inspired by and show solidarity with anti-colonial struggles around the world and to establish different international ties (at least during their period of greatest social impact, until 1971).

Keywords: anti-colonialism; internal colonialism; United States; black movement; Black Panther Party.

Lutte anticoloniale aux États-Unis : théorie et pratique du Black Panther Party

Résumé

L'article examine le lien entre le Black Panther Party et le domaine des luttes anticoloniales, en partant de l'idée que ses réflexions ont permis de proposer de nouveaux fondements théoriques pour réfléchir à la domination raciale aux États-Unis et de construire de nouveaux liens politiques. Dans ce sens, nous avons mené une recherche historique sur les autobiographies des fondateurs (Huey P. Newton et Bobby Seale) et sur les éditions du journal officiel du parti (*The Black Panther*), à laquelle s'ajoute une analyse de contenu centrée sur les textes de la section du journal consacrée spécifiquement aux affaires internationales (*International News*), dans le but de visualiser les positions publiques, les réflexions théoriques et les activités pratiques qui rapprochent les Black Panthers de l'anticolonialisme. Il a alors été constaté que les Black Panthers ont développé une clé d'analyse qui considère la domination raciale aux États-Unis comme une forme de colonialisme interne, perspective qui a guidé leur propre vie politique concrète – les amenant à s'inspirer et à se solidariser avec les luttes anticoloniales à travers le monde et à établir différents liens internationaux (au moins pendant leur période d'impact social le plus important, jusqu'en 1971).

Mots-clés : anticolonialisme ; colonialisme interne ; États-Unis ; mouvement noir ; Parti des Black Panthers.

美国的反殖民斗争：黑豹党的理论与实践

摘要：

本文探讨了黑豹党 (*The Black Panther*) 与反殖民斗争领域的联系，并以此为指导原则，反思美国的种族统治，为反殖民斗争提出新的理论。为此，我们对黑豹党的创始人休伊·P·牛顿(Huey P. Newton)和鲍比·西尔(Bobby Seale)的自传以及党的官方报纸(*The Black Panther*)进行了历史研究，此外还对报纸中专门讨论国际事务的版块(国际新闻)的栏目文本进行了内容分析，目的是直观地展现黑豹党的公开立场、理论思考和实践活动，尤其是黑豹党的反殖民主义立场。随后作者发现，直到1971年，也就是黑豹党的社会影响力最大的时期，该党发展出一种分析框架，将美国的种族统治视为一种内部殖民主义，这种观点指导了他们自己的具体政治生活，也使他们受到世界各地反殖民主义斗争的启发和声援，并建立了各种各样的国际联系。

关键词：反殖民主义；内部殖民主义；美国；美国黑人运动；黑豹党。

Antikolonialer Kampf in den Vereinigten Staaten: Theorie und Praxis der Black Panther Party

Zusammenfassung

Dieser Artikel untersucht die Verbindung zwischen der Black Panther Party und dem Feld antikolonialer Kämpfe. Dabei geht er von der Annahme aus, dass ihre Überlegungen neue theoretische Grundlagen für die Auseinandersetzung mit rassistischer Dominanz in den Vereinigten Staaten lieferten und den Aufbau neuer politischer Verbindungen ermöglichten. In diesem Sinne führten wir eine historische Untersuchung der Autobiografien der Gründer (Huey P. Newton und Bobby Seale) und der offiziellen Parteizeitung (*The Black Panther*) durch. Darüber hinaus führten wir eine Inhaltsanalyse der Texte des speziell für internationale Angelegenheiten vorgesehenen Teils der Zeitung (*International News*) durch. Ziel war es, öffentliche Positionen, theoretische Überlegungen und praktische Aktivitäten zu visualisieren, die die Black Panther Party dem Antikolonialismus näher brachten. Es zeigte sich, dass die Black Panthers einen analytischen Rahmen entwickelten, der die rassistische Dominanz in den Vereinigten Staaten als eine Form des internen Kolonialismus betrachtet. Diese Perspektive prägte ihr eigenes konkretes politisches Leben. Sie ließen sich von antikolonialen Kämpfen weltweit inspirieren, zeigten Solidarität mit ihnen und knüpften (zumindest während ihrer Zeit größter sozialer Wirkung bis 1971) verschiedene internationale Verbindungen.

Schlüsselwörter: Antikolonialismus; interner Kolonialismus; Vereinigte Staaten; Schwarze Bewegung; Black Panther Party.

Introdução

Na segunda metade do século XX, lutas anticoloniais se espalharam dentre diversas nações e povos do mundo. Em geral, este período é lembrado a partir dos movimentos de nacionalismos africanos e asiáticos contra suas experiências de colonização. Há, no entanto, uma organização política que também buscou fazer parte desta mesma tradição de luta à sua maneira, em uma experiência que chama atenção por ter sido construída no interior da própria metrópole global (desde comunidades negras urbanas): o Partido Pantera Negra dos Estados Unidos.

Diferentes elementos da história desta organização já vêm sendo estudados há algumas décadas desde a literatura estadunidense, principalmente no campo dos *black/afro-american studies*. No Brasil, por sua vez, há um aumento no interesse por reflexões em torno dos Panteras ao longo da última década, muito em razão do interesse em uma experiência política criativa para a luta antirracista – com textos que envolvem discussões sobre suas táticas, suas contribuições teóricas, sua história política em geral, seu imaginário, a repressão do FBI, etc.¹ Ao longo do presente texto, então, busca-se introduzir outra contribuição: a relação dos Panteras Negras com o campo do anticolonialismo em geral.

Tem-se como objetivo investigar seus posicionamentos públicos, suas elaborações teóricas e consequências de suas posições para elementos da vida política da organização.

¹ Uma listagem das principais discussões sobre os Panteras nos Estados Unidos e no Brasil pode ser encontrada em Ferreira (2025).

Assumimos como norte a ideia de que suas reflexões foram capazes de propor novos fundamentos teóricos para se pensar a dominação racial nos Estados Unidos e de lhes permitir construir novos laços políticos, sobretudo internacionais.

Metodologicamente, realizamos uma pesquisa documental de caráter histórico sobre duas fontes centrais: autobiografias de dois fundadores do Partido Pantera Negra (Newton; Blake, 1973/2009; Seale, 1970/1990) e edições do seu jornal oficial ([*The Black Panther*](#))² em seu principal período de impacto social (até 1971)³ – recuperando suas posições político-ideológicas acerca do anticolonialismo e visualizando seus laços com diferentes iniciativas de luta anticolonial ao redor do mundo. Acrescentamos a esta investigação uma análise de conteúdo centrada na seção do jornal especificamente dedicada a informações internacionais (“*International News*”), que nos permitiu verificar os principais países e temas destacados pelos Panteras.

A estrutura do artigo segue o seguinte formato: inicialmente, introduzimos uma parte da literatura já existente sobre o anticolonialismo de modo a se compreender preliminarmente o posicionamento teórico-prático dos Panteras no campo. Em seguida, recuperamos textos centrais que revelam as reflexões dos Panteras sobre o tema, destacando-se a ideia de que as comunidades negras existiriam em condições análogas às de outros povos colonizados ao redor do mundo e que uma luta anticolonial, nacionalista e revolucionária era necessária para se construir uma nova sociedade. Então, investigamos os principais laços internacionais estabelecidos pelos Panteras, destacando como através do *The Black Panther* o grupo publicizou lutas de outros povos “colonizados” e estimulou sua solidariedade dentro da militância. Por fim, apresentamos os resultados da análise de conteúdo a respeito da seção *International News* do jornal oficial.

O campo do anticolonialismo socialista

O conceito de “anticolonialismo” possui certa polissemia, mas em um sentido mais imediato ele significa sobretudo a rejeição ao discurso da historiografia dominante (apresentada muitas vezes como única), que aponta a relação entre o “Novo Mundo” e o

² As edições do jornal estão disponíveis publicamente em arquivos virtuais – como *It's About Time* e *Marxists Internet Archive*. Alguns jornais apresentam descontinuidade ou erro em seu volume ou número. Optamos por utilizar o número e volume impressos na edição, independentemente de qualquer erro de continuidade. Para facilitar a identificação e consultas futuras, recomendamos verificar sempre a data de publicação.

³ Ano no qual os Panteras deixam de ter alcance nacional e se reduzem novamente à organização local em Oakland – após um período marcado por cisões internas, disputa ideológica e intensa perseguição política (Bloom; Martin Jr., 2016).

“Velho Mundo” como simplesmente positiva (Chauvin, 2015). A nível político, de forma geral, movimentos ou organizações que se posicionam como “anticoloniais” denunciam que o processo histórico da colonização, mesmo em ambientes onde esta oficialmente não existe mais, não foi por completo finalizado, derivando em consequências sociais ainda perceptíveis para a atualidade. Diferentemente dos processos de descolonização (com o fim da administração colonial formal) ou do giro epistemológico ligado ao decolonial, o anticolonialismo então se associa historicamente às práticas e teorias dos movimentos de luta por libertação nacional e anti-imperialistas (Prashad, 2020).

A concepção de anticolonialismo destacada pelos Panteras Negras, por sua vez, se refere sobretudo a lutas que também compartilhavam um caráter revolucionário e socialista (Bloom; Martin Jr., 2016; Newton; Blake, 1973/2009). Tal “vertente” coloca no centro do debate anticolonial o papel do imperialismo no processo de acumulação capitalista e a necessidade de uma organização política revolucionária para a construção de uma sociedade autodeterminada – como visível em escritos de Lênin, Ho Chi Minh, Mao Tsé-Tung, Frantz Fanon, Aimé Césaire, etc.

Como destaca o historiador indiano Vijay Prashad (2020), este campo do socialismo anticolonial (ou anticolonialismo socialista) historicamente situa o “nacionalismo” como ponto fundamental. A posição de Lênin, nesse sentido, seria um importante exemplo: sua abordagem defende que a prática anticolonial sustentada desde um “nacionalismo proletário” (e não “burguês”) levanta questões políticas fundamentais para a luta anticapitalista – na medida em que seu horizonte iria além da “democracia burguesa”, almejando uma organização nacional própria que deveria receber solidariedade internacionalista dos “povos oprimidos” do mundo.

É em diálogo teórico direto com este campo que os Panteras buscaram se constituir politicamente. O que estudos mais recentes (Bloom; Martin Jr., 2016; Samyn, 2018; etc.) indicam é que tal conexão foi construída como parte de uma prática coletiva para lidar com os desafios históricos experienciados no momento. Pensar nesta dimensão política dos Panteras significa, assim, pensar em como o próprio grupo elaborou formas de autocompreensão e concretização da sua luta nos Estados Unidos.

Segundo os fundadores do partido, Bobby Seale (1970/1990) e Huey P. Newton (Newton; Blake, 1973/2009), a ideia de construir uma organização política estruturada desde as bases (*grassroots*), os guetos negros urbanos, foi expressão do entendimento de que apenas uma revolução dirigida pelos grupos mais marginalizados da sociedade estadunidense (os *brothers on the block*) seria capaz de fornecer alguma possibilidade de

emancipação social.⁴ Tais ideias, no entanto, não surgiram espontaneamente. Nas palavras de Newton, em sua autobiografia:

A literatura dos povos oprimidos e suas lutas pela libertação em outros países é muito grande, e nos debruçamos sobre esses livros para ver como suas experiências nos ajudariam a entender nossa situação. Lemos o trabalho de Frantz Fanon, particularmente *Os Condenados da Terra*, os quatro volumes do Presidente Mao Tsé-Tung e a *Guerra de Guerrilha* de Che Guevara (Newton; Blake, 1973/2009, p. 67).

Enfatiza-se como a educação política, fundamental para o processo de conscientização, é um elemento de destaque não apenas para a teoria política revolucionária, mas nas próprias biografias de Newton e Seale. São constantes as indicações dos Panteras de que o estudo da obra de pensadores revolucionários – como Robert F. Williams, Malcolm X, Du Bois, Fanon, Guevara, Mao, etc. –, tanto antes quanto durante a construção da organização dos Panteras, foi crucial para sua formação militante. Nas próprias palavras de Newton:

Foram meus estudos e leituras na faculdade que me levaram a ser socialista. [...] Quando apresentava minhas soluções para os problemas dos negros, ou quando expressava minha filosofia, as pessoas diziam: “Bem, isso não é socialismo?” Alguns deles estavam usando o rótulo socialista para me rebaixar, mas achei que, se isso era socialismo, então o socialismo deve ser uma visão correta. Então eu li mais trabalhos dos socialistas e comecei a ver uma forte semelhança entre minhas crenças e as deles. Minha conversão estava completa quando li os quatro volumes de Mao Tsé-Tung para aprender mais sobre a Revolução Chinesa. Foi a minha vida mais leituras independentes que me fizeram socialista – nada mais” (Newton; Blake, 1973/2009, p. 47).

De uma maneira geral, entende-se que as condições concretas vivenciadas pelo povo negro – marcados por violências cotidianas, pobreza, exclusão da política institucional hegemônica e falta de condições básicas de vida (como saúde, habitação, alimentação, educação e segurança) – levaram os Panteras a buscarem referências alternativas para se pensar em possibilidades de realização do poder do povo (*Power to the people!*). Sua aproximação a certa tradição socialista anticolonial, então, diz respeito a uma tentativa de lidar com a própria situação histórica vivida, desde um paradigma radicalmente crítico a pilares da democracia liberal estadunidense.

⁴ Na prática a militância ligada ao partido se diversificou, principalmente em razão da proximidade que eles conquistaram com outros grupos antirracistas (como o SNCC, o *Red Guard Party*, os *Young Lords* e os *Young Patriots*) e com segmentos da chamada *New Left* estadunidense (sobretudo movimentos estudantil, feminista e antiguerra). O grupo também é conhecido pelo pioneirismo na aproximação política com o então chamado movimento *gay* (Bloom; Martin Jr., 2016; Samyn, 2018).

O movimento negro estadunidense como movimento de luta anticolonial

A conexão teórica com o anticolonialismo socialista não significou apenas uma adesão descontextualizada a princípios filosóficos e tentativas mecânicas de implementar os mesmos na sua realidade. Pelo contrário: a prática e o estudo dos militantes foram acompanhados de uma preocupação em elaborar um pensamento original, entendido como mais adequado para se compreender a situação social estadunidense.

Para se entender os pilares dos seus argumentos, destacam-se cinco artigos publicados no jornal *The Black Panther*⁵ – republicados em diferentes edições – que foram escritos por Newton em um momento no qual o partido buscava rearticulação e desenvolvimento político – após aprovação da Lei Mulford na Califórnia em 1967 que proibia o porte de armas carregadas e dificultava a prática das patrulhas armadas, tática originária do grupo. Tais escritos proporcionaram as bases teóricas para uma reconcepção dos Panteras sobre si (Bloom; Martin Jr., 2016), considerando seu partido como a organização que deveria ocupar o lugar de “vanguarda” revolucionária nos Estados Unidos⁶ dirigido pelo “lumpemproletariado”.⁷ Nestes textos, destaca-se a presença de uma referência teórica anticolonial para se analisar a situação das comunidades negras do país.

No texto “Definição funcional de política”,⁸ Newton propõe uma análise geral da situação do negro nos Estados Unidos. O autor entende que o período da Reconstrução Negra (pós-Guerra Civil) não permitiu aos negros conquistarem efetivamente algum poder para representarem e atenderem verdadeiramente suas demandas. Para Newton, seriam três as fontes de poder na arena política – poder econômico, poder militar e poder territorial –, e o período da Reconstrução não teria garantido nenhum destes. Então, em razão da falta de poder territorial e de poder econômico, restaria a opção de buscarem se organizar coletivamente para construírem um poder bélico: apenas o “poder de autodefesa”

⁵ Functional definition of politics, Fear and Doubt (*The Black Panther*, v. 1, n. 2, p. 3-4, 15 maio 1966), In defense of self-defense (*The Black Panther*, v. 1, n. 3, p. 3-4, 20 jun. 1967 e v. 1, n. 4, p. 3; 7; 9, 03 jul. 1967) e The correct handling of a revolution (*The Black Panther*, v. 1, n. 5, p. 3 e 5, 20 jul. 1967).

⁶ Objetivo que os motivou a ampliar em dezenas o número de sedes partidárias pelo país, popularizando-se dentre diversas camadas sociais (Bloom; Martin Jr., 2016).

⁷ Samyn (2018) destaca que enquanto Marx usou tal termo para tratar de uma massa social indefinida e desarticulada de elementos potencialmente reacionários, grupos sociais improdutivos, paupérrimos e criminais, os Panteras o associavam a uma diversidade de sujeitos situados nos estratos econômicos mais marginalizados da sociedade (como prostitutas, domésticas, trabalhadores não-industriais e o “exército industrial de reserva”), destacando-se habitantes dos guetos. Para o autor, esta diferença conceitual pode ser melhor compreendida se entendermos que o “lumpemproletariado” é definido pelos Panteras como uma espécie de “subproletariado”. De acordo com Bloom e Martin Jr (2016), o recurso ao termo também foi expressão da aproximação teórica à tradição socialista do anticolonialismo, já que além de Mao Tsé-Tung falar da possibilidade de organização revolucionária do lumpen, Fanon (1961/1968, p. 106) concebeu a categoria como uma “das forças mais espontaneamente e mais radicalmente revolucionárias de um povo colonizado”.

⁸ Functional definition of politics (*The Black Panther*, v. 1, n. 2, p. 3-4, 15 maio 1967).

introduziria a representação negra na política de maneira efetiva. Tal poder seria importante pelo seu potencial de “destruição econômica”, já que a supremacia branca é defendida não apenas por “razões racistas” mas também por ser “economicamente lucrativa”.

Diante da impossibilidade do capitalismo estadunidense em fornecer condições adequadas à vida da sua população, o poder militar é defendido como alternativa capaz de garantir a conquista coletiva tanto do poder territorial quanto do econômico. “O povo negro deve controlar o destino da sua comunidade”, diz Newton, refletindo sobre o que podemos chamar de necessidade de autodeterminação do povo negro. No entanto, o que entra diretamente em conflito com essa busca seria o “departamento de polícia”, este “exército de ocupação” que “brutaliza” e “oprime” as comunidades em razão dos “interesses egoístas do poder imperialista”. Nos termos de Newton: “Há uma grande semelhança entre o exército de ocupação do Sudeste Asiático e a ocupação das nossas comunidades pela polícia racista”.

Então, no texto “Medo e Incerteza”,⁹ Newton discorre sobre a subjetividade do homem negro e pobre dentro de tal contexto, numa reflexão a respeito do “sentimento de inferioridade” que é gerado a partir das privações e opressões concretas vivenciadas cotidianamente. A sociedade o trata “como uma coisa, um animal, uma não-entidade, algo a ser ignorado ou pisado”, “não o reconhecendo como homem”, cultivando uma ideia do negro como inerentemente pobre, burro e incapaz, de maneira que a “incerteza” sobre si mesmo é tornada hábito e, então, naturalizada. “Seu desenvolvimento psicossocial foi prematuramente encarcerado”, diz Newton ao falar da subjetividade do ser negro. De acordo com Bloom e Martin Jr. (2016), é possível ver neste artigo uma forte inspiração nas reflexões fanonianas a respeito da personalidade colonizada (Fanon, 1961/1968), agora aplicada aos habitantes das comunidades negras dos Estados Unidos.

Já no primeiro texto da coluna “Em defesa da autodefesa”,¹⁰ Newton discorre sobre como leis e regras de convívio social devem sempre servir ao povo. A imposição de um arcabouço legal que seja contrário aos interesses populares, por outro lado, é capaz de gerar uma revolta armada, em razão da busca por liberdade de dispor sobre as próprias leis. Este teria sido o caso das Treze Colônias à época da Revolução Americana; tal luta, no entanto, realizou-se em favor dos brancos e de seus interesses, enquanto foi negado aos negros a possibilidade de conquista da própria liberdade. Para estes últimos, foi criado um “sistema opressivo” de dominação – estruturado tanto por uma “sociedade de classes” quanto por um “sistema de castas” –, que historicamente vêm servindo de “óleo” para a

⁹ Fear and Doubt (*The Black Panther*, v. 1, n. 2, 15/05/1967,).

¹⁰ In defense of self-defense (*The Black Panther*, v. 1, n. 3, p. 3-4, 20 jun. 1967).

“maquinaria” imperialista que “escraviza o mundo”. Nas palavras de Newton: “O sangue, suor, lágrimas e sofrimento do povo negro são a base da riqueza e do poder dos EUA”.

A condição dos negros, neste contexto, é a de viverem como sujeitos “encurralados em guetos”, “cercados por fábricas” (além de outros componentes do “sistema econômico”) e “relegados à posição de espectador” da própria realidade social. “Nós fomos transformados nos ‘condenados da terra’”, diz Newton, recorrendo à célebre concepção que serve de título ao livro de Fanon (1961/1968). No entanto, o que se esconde desta condição é justamente que “os escravos sempre superaram numericamente os proprietários de escravos”, de maneira que a questão do poder negro deve ser encarada em termos de “organização”, “união” e resistência à “submissão”.

O “armamento militar” e o aprendizado de “técnicas de guerrilha” nas comunidades negras para sua “autodefesa”, então, são defendidos como “métodos” necessários para se avançar no processo de conquista do poder popular nos Estados Unidos. Afinal – entende Newton –, manter domínio sobre “30 milhões de negros” em comunidades sem garantir-lhes condições para a sobrevivência significa dizer que “o povo negro é mantido capturado em meio aos seus opressores”, e, nesta situação, o “poder da arma” serviria como “instrumento básico de libertação” – tese que o autor defende e, em seguida, reproduz uma passagem do líder da Revolução Chinesa, Mao Tsé-Tung. Posteriormente, em sua autobiografia, Newton voltará a mencionar lideranças revolucionárias anticoloniais para falar sobre o papel político das armas:

Mao, Fanon e Guevara viram claramente que as pessoas haviam sido despojadas de seu direito de nascer e dignidade, não por qualquer filosofia ou meras palavras, mas à mão armada. Elas sofreram ataques de gangsters e estupros; para elas, a única maneira de conquistar a liberdade era enfrentar força com força. No fundo, esta é uma forma de autodefesa (Newton; Blake, 1973/2009, p. 67).

Já no segundo texto publicado na coluna “Em defesa da autodefesa”,¹¹ Newton se dedica a refletir especificamente sobre os métodos políticos utilizados pela “colônia negra da Afro-América”. Em oposição às táticas de “não-violência”, o autor defende a importância de se usarem “todos os meios necessários” na luta de libertação (recorrendo aos termos popularizados por Malcolm X), no que se inclui o armamento das comunidades negras para a resistência – e que assume, portanto a forma de resistência a um tipo de colonialismo interno.

Se a política de dominação econômica, militar e territorial é uma arma imperialista mobilizada para ocupar os espaços do povo, defende-se uma resposta revolucionária à altura. Newton, então, dá continuidade ao debate sobre o método de luta mobilizado pela “colônia

¹¹ In defense of self-defense (*The Black Panther*, v. 1, n. 4, p. 3; 7; 9, 03 jul. 1967).

negra” no importante texto “O manejo correto de uma revolução”.¹² Nele, apresenta-se o “método da guerra de guerrilhas” como vantajoso para a ação política naquela situação, mas acrescenta que este só pode ser organizado sob a direção de um partido, sendo esta a forma política capaz de sustentar um programa coletivo para a resistência e a transformação estrutural dos pilares da sociedade. Como exemplos de “lutas revolucionárias vitoriosas das quais podemos aprender”, Newton destaca as Revoluções Cubana, Chinesa, Russa, Queniana e Argelina, além da luta da Frente Nacional de Libertação do Vietnã.

O ponto em comum de todos estes textos de Newton consiste no reconhecimento da condição dos negros estadunidenses como um povo colonizado pelo imperialismo, numa condição similar à de outros povos do mundo – colocando-os num patamar comum de luta e almejando um sentimento de solidariedade. Nesse sentido, Bloom e Martin Jr. (2016, p. 66) sintetizam a principal contribuição teórica do autor da seguinte forma:

Ele [Newton] desenvolve seu argumento em quatro partes, primeiro aplicando as teorias de Frantz Fanon sobre a psicologia da colonização e a luta de libertação para os guetos dos Estados Unidos, então expandindo a analogia para identificar a polícia como uma força de ocupação, interpretando as rebeliões urbanas dos EUA como resistência prototípica a esta ocupação, e afirmando o papel do Partido Pantera Negra como o representante legítimo da comunidade negra – o partido de vanguarda – na luta pelo Black Power.

A prática colonial, como destaca Césaire (1950/2010), ultrapassa as relações formais de fronteira entre Estados, de forma que a barbárie legitimada nas colônias é também expressa na própria metrópole – por exemplo, como uma modalidade de “colonialismo interno” (Casanova, 2007). Segundo Casanova (2007, p. 432), o colonialismo interno “está originalmente ligada a fenômenos de conquista, em que as populações de nativos não são exterminadas e formam parte, primeiro do Estado colonizador e depois do Estado que adquire uma independência formal” – processo no qual “os povos, minorias ou nações colonizadas pelo Estado-nação sofrem condições semelhantes às que os caracterizam no colonialismo e no neocolonialismo em nível internacional” (Casanova, 2007, p. 432).

Os Panteras, então, partem de argumentos similares a estes para refletirem sobre suas consequências para o movimento negro: enquanto nação colonizada, as comunidades negras deveriam resistir à ocupação e à dominação multidimensional de sua existência, politizando seu cotidiano a nível partidário para lutar organizadamente por libertação nacional, contra a incerteza sobre suas próprias capacidades. De acordo com Bloom e Martin Jr. (2016), os Panteras tiveram um importante papel na popularização e no

¹² The correct handling of a revolution (*The Black Panther*, v. 1, n. 5, p. 3; 5, 20 jul. 1967).

desenvolvimento de tal tese, que foi introduzida inicialmente nos Estados Unidos pelo Partido Comunista e pelo nacionalismo negro de Malcolm X e Robert F. Williams¹³ – que viam os negros do país como membros de uma mesma nação oprimida (a América Negra) em busca de libertação revolucionária.

O argumento construído nos escritos de Newton (que marcaram o período de reconcepção dos Panteras sobre si em 1967) forneceu bases de legitimação política para a luta de uma multiplicidade de grupos sociais (com destaque para as comunidades negras). Como estudado por Bloom e Martin Jr. (2016) e Samyn (2018), tal elaboração – enquanto tentativa de responder efetivamente aos desafios sociais do momento – motivou um movimento de expansão nacional dos Panteras, no qual foram abertas sedes e núcleos partidários em dezenas de cidades e bairros estadunidenses. O impacto das reflexões newtonianas dentro a militância Pantera pode ser visualizado ao longo de diversos artigos publicados no *The Black Panther* – como estudaram por mais de uma década Bloom e Martin Jr. (2016).

Para encerrar a apresentação das contribuições teóricas dos Panteras sobre o anticolonialismo, destacamos ainda dois textos publicados posteriormente no *The Black Panther*. Em “Da Resistência à Libertação”,¹⁴ publicado no jornal em 1970, reconhecia-se a proximidade e as diferenças entre a luta dos negros estadunidenses e as lutas anticoloniais que ocorriam ao redor do mundo. Diferente dos outros povos, a situação do negro era a de um colonizado ocupando o mesmo território que o seu colonizador: não existia, portanto, um “território nacional onde o povo negro poderia desenvolver sua educação, indústria e agricultura”. Por este motivo – isto é, sem uma base geográfica própria – os negros se encontrariam numa situação de maior interdependência com os brancos “do que qualquer outra sociedade colonial”. Assim, em razão desta diferença, sugere-se que a luta por libertação nacional do povo negro necessariamente inclui um processo de conscientização também dentro a militância da “esquerda branca” revolucionária – uma discussão que destaca outra nuance do debate já existente sobre o colonialismo interno (Casanova, 2007), enfatizando o papel das alianças políticas.

Então, em janeiro de 1971, foi publicada no *The Black Panther* uma entrevista concedida por Newton uma semana após sua soltura da prisão – sob o título “Repressão

¹³ O Partido Comunista dos Estados Unidos introduziu tal ideia no movimento negro a partir da linha leninista do programa da Internacional Comunista sobre as questões nacional e colonial (apresentada em seu Sexto Congresso, de 1929). Entretanto, enquanto ele enfatizava a existência deste aspecto colonial no Sul do país, Williams e Malcolm X agrupavam também os guetos do Norte sob esta categoria – linha que foi desenvolvida pelos Panteras.

¹⁴ From Resistance to Liberation (*The Black Panther*, v. 4, n. 29, p. 17-18, 20 jun. 1970).

gera Resistência”.¹⁵ Enquanto declarava que o programa dos Panteras tinha por objetivo a luta armada em direção à construção coletiva da “ditadura do proletariado” nos Estados Unidos, Newton apontou que, sendo o imperialismo estadunidense um “inimigo internacional”, apenas uma “estratégia internacional” (a “unidade de todos os povos que são explorados”) seria capaz de derrubar a “burguesia internacional” imperialista. É por este motivo que se fazia necessária uma construção política que articulasse o nível nacional ao global, fortalecendo movimentos anticoloniais e comunistas ao redor do mundo.

É também por este motivo que, em outro momento da entrevista, Newton destaca as políticas revolucionárias de Fidel Castro, Che Guevara, Ho Chi Minh, Mao e de diversos grupos de guerrilha (em Moçambique, Angola, Palestina, África do Sul e Brasil) como sendo as maiores inspirações para o Partido Pantera Negra. Nesse sentido, merece destaque a própria capa da edição do *The Black Panther* na qual se encontra o texto,¹⁶ que é dedicada à memória de revolucionários assassinados pelo mundo – como Malcolm X, Guevara, Patrice Lumumba e Carlos Marighella.¹⁷

O internacionalismo dos Panteras, recuperando aspectos do nacionalismo dos oprimidos na visão leninista, contribuiu ainda para sua compreensão da necessidade de uma luta do povo negro nos Estados Unidos em conjunto com a luta de outras populações oprimidas internamente. A postura anticolonial esteve alinhada também com movimentos de povos originários, povos latinos, brancos trabalhadores, mulheres e do então chamado movimento *gay*.

Alianças internacionais: uma dimensão da prática anticolonial dos Panteras Negras

Ao longo da história do Partido Pantera Negra, foram diversas as menções elogiosas feitas no *The Black Panther* em defesa de lutas anticoloniais organizadas em outras nações – como já destacamos. Agora, apresentamos outras formas nas quais podemos ver os diferentes contatos estabelecidos entre o partido e tais experiências políticas ao redor do globo.

Inicialmente, é importante notar como o próprio ponto de partida dos Panteras foi marcado pela solidariedade e o apoio à luta anticolonial. Newton e Seale, os dois fundadores do partido, se conheceram na Universidade de Merritt em Oakland (Califórnia), onde

¹⁵ Repression breeds Resistance: Huey P. Newton talks to Sechaba (*The Black Panther*, v. 4, n. 29, p. 10-11, 16 jan. 1971).

¹⁶ *The Black Panther*, v. 4, n. 29, p. 1, 16 jan. 1971.

¹⁷ A experiência de guerrilhas no Brasil é destacada por Newton como inspiradora em razão de ter ocorrido no meio urbano. Não é sem motivo, portanto, a presença de um texto recuperando a memória de Marighella nesta mesma edição do jornal (Organizing Self-Defense Groups. *The Black Panther*, v. 4, n. 29, p. 8, 16 jan. 1971).

participaram juntos de um comício (em 1962) contra o bloqueio econômico dos EUA a Cuba (Newton; Blake, 1973/2009). Por esse motivo, entendemos que a luta por dignidade dos povos oprimidos existiu como prioridade desde os primórdios políticos de ambos – numa abordagem que contemplava a autodefesa e a organização coletiva como elementos centrais de luta.

De uma maneira geral, a prática dos Panteras aparece relacionada de diferentes maneiras à solidariedade com povos ao redor do mundo, engajados no fortalecimento de laços internacionais no anticolonialismo. Nesse sentido, listamos abaixo momentos importantes que exemplificam essa posição, destacando relações estabelecidas pelo *Black Panther Party* (BPP) com organizações e povos específicos – tal como exposto em seu jornal oficial e também estudado por Bloom e Martin Jr. (2016).

Cuba já foi objeto de atenção dos líderes do partido mesmo antes de sua formação, através dos protestos contra o bloqueio econômico estadunidense. Além da Revolução Cubana e de suas lideranças terem sido elogiadas ao longo da história do partido (por meio de seu jornal), o pequeno país ao sul da Flórida – que representou um impulso revolucionário em um território bastante próximo dos Estados Unidos – também serviu de refúgio para alguns Panteras que se exilaram para evitar perseguições policiais e ameaças de prisão advindas do governo. Este foi o caso de Eldridge Cleaver – em 1968, após ter sido acusado de participar num tiroteio armado contra a polícia de Oakland – e do próprio Newton – em 1974, após ter sido acusado de assassinar policiais e de ter se recusado a pagar a fiança relativa ao suposto crime.

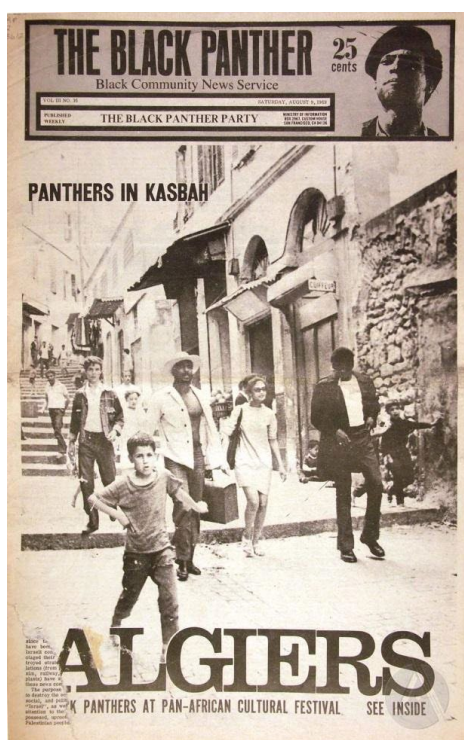
É também relevante a relação estabelecida por George Murray, ex-Ministro da Educação do Partido Pantera Negra, que em agosto de 1968 viajou para Cuba como representante dos Panteras na conferência da Organização de Solidariedade com o Povo da Ásia, África e América Latina (OSPAAAL). O encontro foi uma oportunidade para a promoção internacional da campanha “Libertem Huey! [*Free Huey!*]”, que vinha sendo organizada em diversas frentes contra a prisão do líder Pantera (Bloom; Martin Jr., 2016). Nesse sentido, destaca-se a nota emitida pelo “Secretariado Executivo” da OSPAAAL em Havana, em 1 de agosto de 1968, na qual se solidarizavam à campanha pela libertação de Newton e elogiavam as lutas pelo *Black Power* nos Estados Unidos – mensagem reproduzida no jornal oficial dos Panteras.¹⁸

Já em 1969, uma delegação dos Panteras (com Cleaver, David Hilliard e Emory Douglas) participou do Primeiro Festival Cultural Pan-Africano da Argélia, a convite do próprio

¹⁸ African, Asian and Latin-American Solidarity Groups Appeals to OSPAAAL on Black American Revolution (*The Black Panther*, v. 2, n. 5, p. 4; 10, 07 set. 1968).

governo. Esta viagem foi destacada na capa de uma edição do jornal oficial (Imagem 1) e relatos foram divulgados também através deste canal.¹⁹ No evento – que deu destaque à arte de Emory Douglas e ajudou o BPP a construir diversas relações por meio de encontros e diálogos com embaixadores e outros representantes políticos (sobretudo de nações africanas) –, os Panteras foram creditados pelo governo argelino como um dos doze grupos revolucionários cuja luta pela conquista do poder em seus respectivos países deveria ser apoiada (ao lado de outros movimentos de libertação em Guiné-Bissau, Moçambique, Angola, Palestina, Rodésia, África do Sul, Namíbia e Brasil). Em seu livro, a militante Elaine Mokhtefi (2018) faz um relato detalhado de como foi a recepção dos Panteras no local.

Imagem 1 - Capa do *The Black Panther* com Panteras na Argélia



Fonte: *The Black Panther*, v. 3, n. 16, p. 1, 09 ago. 1969.

Então, em 1970, com a adesão por parte do governo argelino de uma política de maior enfrentamento anti-imperialista, foram concedidos aos Panteras Negras uma série de reconhecimentos diplomáticos. Por exemplo, após o rompimento de relações com os Estados Unidos, o partido recebeu um novo status formal, tornando-se a única autoridade americana “legítima” no país. Além disso, os Panteras também receberam documentos

¹⁹ The Moon Landing as Eldridge Sees It (*The Black Panther*, v. 3, n. 14, p. 17, 02 ago. 1969), Eldridge Warmly Recieved [sic] by the People of Algiers (*The Black Panther*, v. 3, n. 14, p. 3, 09 ago. 1969) e Press Conference Chief of Staff's Return from Algiers (*The Black Panther*, v. 3, n. 14, p. 7, 09 ago. 1969).

próprios, vistos nacionais e, como presente, um prédio de embaixada para servir de sede à sua “Seção Internacional”.²⁰

De uma forma geral, este é um ano relevante para os Panteras internacionalmente, pois foi quando se estreitaram laços entre eles e outras nações e grupos políticos. Vê-se isto não apenas na aproximação com a Argélia, mas também na grande viagem que ocorreu a três países da Ásia neste mesmo ano: Coreia, Vietnã e China. A viagem contou com uma delegação composta por Panteras e outros militantes estadunidenses – Cleaver e Elaine Brown (do Partido Pantera Negra), Robert Scherr e Jan Austin (da revista *Ramparts*), Regina Blumenfeld e Randy Rappaport (do *Women's Liberation Movement*), Alex Hing (da *Red Guard*), Ann Froines (do Comitê de Defesa dos Panteras de New Haven), Patricia Sumi (do *Movement for a Democratic Military*), Andy Truskier (do *Peace and Freedom Party*) e Janet Kranzberg.

O primeiro dos destinos foi a Coreia do Norte (“República Popular Democrática da Coreia”), onde os militantes foram recebidos pelo então vice-presidente do Presidium da “Assembleia Popular Suprema” (Kang Ryang Uk), visitaram diferentes cidades e fizeram reuniões com autoridades locais para discutirem seus processos de lutas. Não era a primeira vez de Cleaver no país, que em 1969 já havia estado em Pyongyang para participar da “Conferência Internacional sobre as Tarefas dos Jornalistas de Todo o Mundo na Sua Luta contra a Agressão do Imperialismo dos EUA” em uma delegação composta por ele e o então Ministro da Defesa do partido, Byron Booth – conforme relato publicado no *The Black Panther*.²¹ Os Panteras – e em especial Cleaver, como vemos nas dezenas de textos seus dedicados ao país no jornal entre 1969 e 1971 sobre questões de cultura, política e economia – se fascinaram com a Revolução Coreana, passando a se inspirar também na ideologia Juche e na maneira como os socialistas coreanos adaptaram o materialismo histórico ao seu contexto. Uma capa do *The Black Panther* de 1969 – Imagem 2 – chega a destacar a aproximação dos posicionamentos políticos de Cleaver e Kim Il-Sung (liderança da Revolução Coreana) acerca do imperialismo estadunidense.

²⁰ A Seção Internacional do Partido Pantera Negra, criada no período em que Cleaver esteve no exílio, foi importante na criação de comitês de solidariedade a Newton – em países como Suécia, Dinamarca, Holanda, Bélgica, França e Alemanha Ocidental – e no fortalecimento da rede de apoio ao partido, permitindo-o cultivar laços com grupos cubanos, palestinos, africanos e asiáticos (Carpini, 2000).

²¹ “We have found it here in Korea” (*The Black Panther*, v. 3, n. 28, p. 11, 01 nov. 1969).

Imagem 2 - Capa do *The Black Panther* aproximando Eldridge Cleaver e Kim Il-Sung



Fonte: *The Black Panther*, v. 3, n. 27, p. 1, 25 out. 1969.²²

A Coreia, por sua vez, também divulgou textos a respeito do BPP e do movimento negro revolucionário dos Estados Unidos em jornais oficiais, prestando solidariedade nesta luta e a reconhecendo como importante na busca por emancipação. O próprio Kim Il-Sung chegou a enviar um telegrama diretamente para os Panteras (em resposta a um contato feito anteriormente por estes) – que, como se vê na Imagem 3, também foi publicado no *The Black Panther*.

²² Citação de Cleaver: “A bandeira americana e a águia americana são os verdadeiros símbolos do fascismo, e eles deveriam suscitar no povo a mesma repugnância indignada suscitada pela suástica da Alemanha nazi e pela bandeira do sol nascente dos imperialistas japoneses”. Citação de Kim Il-Sung: “O imperialismo dos EUA é o inimigo comum mais hediondo dos povos do mundo e o alvo número 1 na sua luta”.

Imagem 3 - Telegrama de Kim Il-Sung ao BPP publicado no *The Black Panther*



Fonte: *The Black Panther*, v. 4, n. 8, p. 10-11, 24 jan. 1970.²³

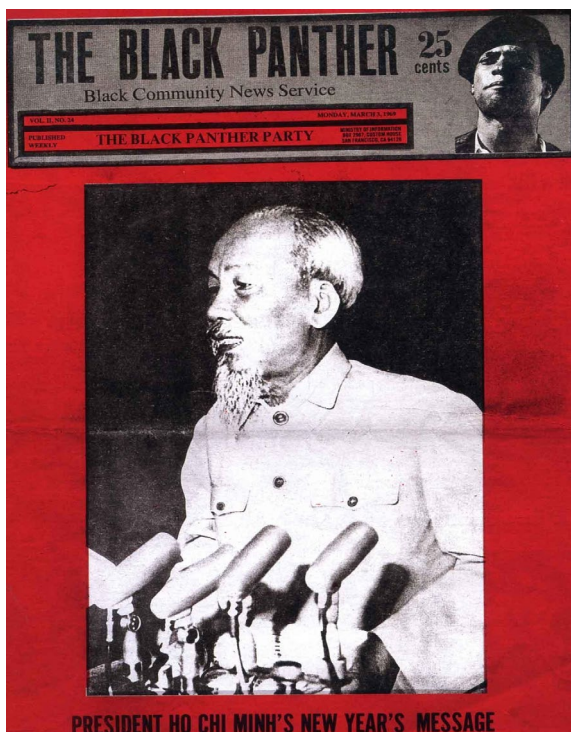
Após a Coreia, os Panteras visitaram o Vietnã. Na qualidade de convidados de honra do governo, participaram do “Dia Internacional de Solidariedade com o Povo Negro dos Estados Unidos” em 18 de agosto de 1970 – tendo sido recebidos pelo então primeiro-ministro, Pham Van Dong. Tal como os coreanos, os revolucionários vietnamitas também apoiavam a luta feita pelos Panteras em seu país e chegaram a editar textos jornalísticos em sua solidariedade – como destacam Bloom e Martin Jr. (2016). Por outro lado, o partido também dava publicidade à luta no Vietnã e se posicionava contra a continuidade da Guerra do Vietnã, junto a outros setores da esquerda estadunidense. Em entrevista publicada no *The Black Panther*,²⁴ Newton chegou a dizer que o partido ofereceu ao Exército de Libertação Nacional do Vietnã (e outros “povos oprimidos” não citados) o envio de “tropas”

²³ Conteúdo do telegrama: “Expresso os meus sinceros agradecimentos ao seu partido pelas saudações revolucionárias que me foram enviadas no Ano Novo. No ano passado, o seu partido e o povo negro progressista da América repeliram corajosamente a sempre intensificada opressão fascista e a perseguição por parte dos imperialistas dos EUA e obtiveram grande vitória na luta pela liberdade, democracia e os direitos vitais. O povo coreano assiste com profunda simpatia e expressa solidariedade militante com sua justa luta para abolir o maldito sistema de discriminação racial dos imperialistas dos EUA e conquistar liberdade e emancipação. Convencido de que os laços militantes entre o povo coreano e o povo negro progressista da América irão fortalecer-se e desenvolver-se ainda mais no novo ano na batalha contra o imperialismo dos EUA nosso inimigo comum, eu lhes desejo novos sucessos na sua luta” (tradução nossa).

²⁴ Repression breeds Resistance: Huey P. Newton talks to Sechaba (*The Black Panther*, v. 4, n. 29, p. 10-11, 16 jan. 1971).

dos Panteras. Ao longo da sua história, foram múltiplas as reproduções de textos e imagens a respeito da luta anticolonial do povo vietnamita no jornal do partido. Destacamos na Imagem 4 a capa de uma edição do jornal dedicada à principal liderança da Revolução Vietnamita, Ho Chi Minh.

Imagem 4 - Ho Chi Minh na capa do *The Black Panther*



Fonte: *The Black Panther*, v. 2, n. 24, p. 1, 03 mar. 1969.

O último destino dos Panteras pela Ásia em 1970 foi a China, um país no qual o governo financiou viagens internas para a comitiva com os Panteras conhecer diferentes fábricas e distritos. No ano de 1971 também houve uma nova visita: dessa vez, Newton (à época não mais preso) fora recebido duas vezes pelo então primeiro-ministro chinês, Zhou Enlai. De uma forma geral, a relação positiva dos Panteras com a luta do povo chinês sempre foi explícita; o *Livro Vermelho* (que reúne trechos de discursos e textos de Mao Tsé-Tung) circulava com frequência e era uma indicação de leitura às fileiras partidárias, além de ter sido vendido pelo próprio BPP como fonte de financiamento. Em razão desta proximidade, era comum a reprodução de escritos ou falas de Mao no jornal *The Black Panther*, como exemplifica a Imagem 5. Assim como esta, houve também outras mensagens de lideranças da luta socialista anticolonial que foram apresentadas em uma seção do jornal especificamente dedicada aos assuntos internacionais (*"International News"*) – ainda que a presença de tais mensagens não se limitasse a esta seção.

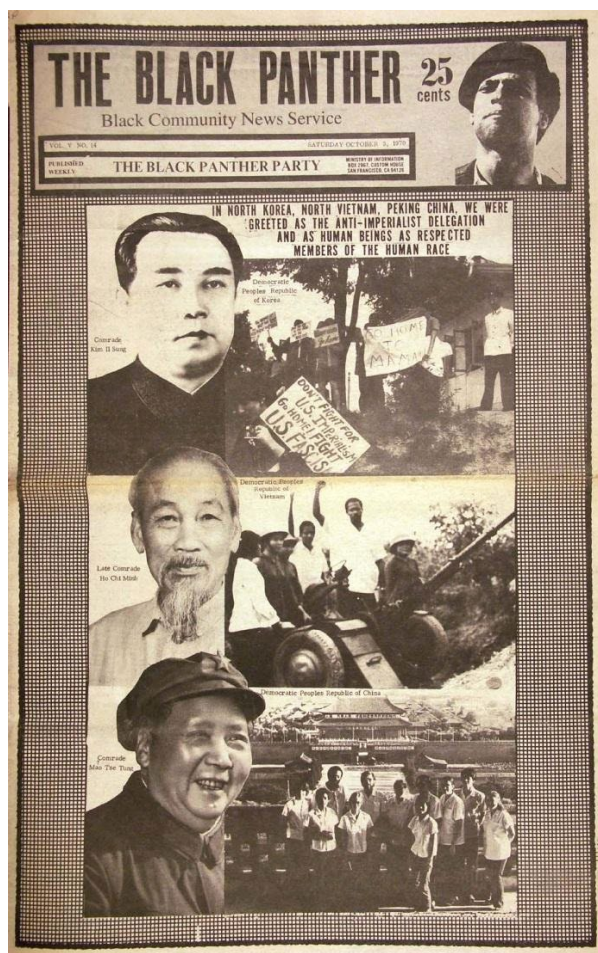
Imagem 5 - Declaração de Mao Tse-Tung publicada no The Black Panther

Fonte: *The Black Panther*, v. 4, n. 29, p. 16, 20 jun. 1970.

Diferentes relatos foram sendo publicados no *The Black Panther* a respeito dos feitos e posicionamentos dos Panteras em cada um dos três países asiáticos. Um grande relato geral sobre esta viagem também recebeu destaque em uma edição, contando com fotos variadas de Panteras em cada país – sobretudo em Hanoi (Vietnã), Pyongyang (Coreia do Norte) e Pequim (China).²⁵ Na Imagem 6 vemos a capa desta edição do jornal.

²⁵ In North Korea, North Vietnam, Peking China, we were greeted as the anti-imperialist delegation and treated as human beings as respected members of the human race (*The Black Panther*, v. 5, n. 14, p. A-G [sic], 03 out. 1970).

Imagem 6 - Capa do *The Black Panther* com Panteras em viagem pela Ásia



Fonte: *The Black Panther*, v. 5, n. 14, p. 1, 03 out. 1970.

International News: os laços internacionais no jornal do Partido

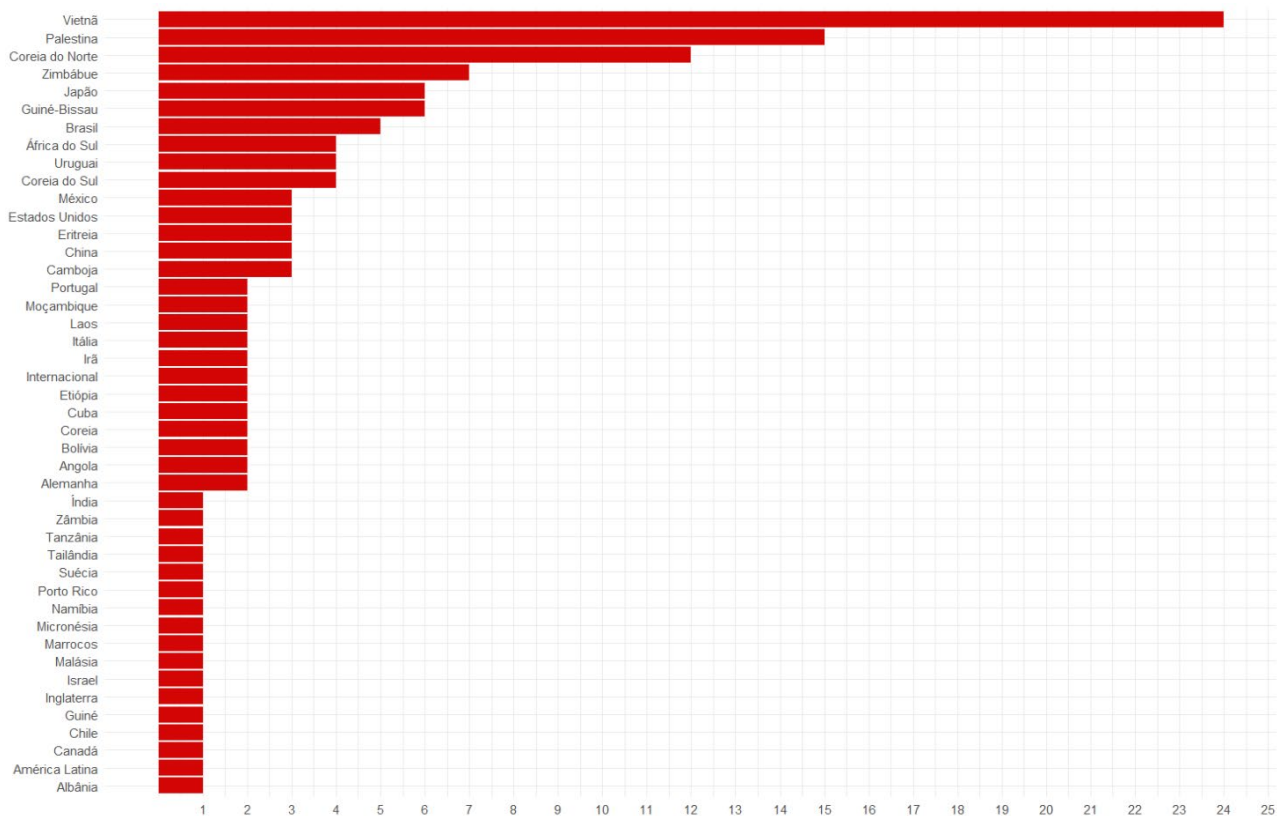
A seção *International News* do *The Black Panther* foi recorrente na maioria das edições do jornal entre agosto de 1969 e janeiro de 1971 – sendo posteriormente renomeada *Intercommunal News*, proximamente ao processo de desmantelamento nacional do BPP. Era composta por textos em número e tamanho variados e em diferentes formatos: entrevistas, relatos de visita, republicações de outros jornais e revistas, traduções e escritos autorais de Panteras. A seção nos é de particular interesse por ser um local no qual os Panteras davam destaque público a informações gerais e posicionamentos a respeito de diferentes processos de luta ao redor do mundo que consideravam relevantes. Mostra-se, portanto, um espaço privilegiado para visualizarmos as aproximações internacionais do BPP (sobretudo a nível político-ideológico) e sua perspectiva anticolonial.

Em nossa análise, investigamos 67 edições do *The Black Panther* entre 30/08/1969 (primeira edição com a seção *International News*) e 02/01/1971 (última edição com a seção), totalizando 143 textos.²⁶ Consideramos (1) os países que foram objeto principal dos textos publicados e (2) seus temas – limitando a codificação a um país e a um tema predominante por texto.²⁷ Na Figura 1 estão os países que aparecem como objeto central de algum texto publicado na *International News*, dos mais aos menos frequentes. O Vietnã (24 ocorrências) aparece como o principal mencionado na seção – muito em razão do movimento internacional de denúncia à invasão estadunidense no país, do qual diferentes setores da esquerda nacional faziam parte. Ele é seguido pela Palestina (15 ocorrências) – em um momento de alta mobilização da resistência do *Al-Fatah* ao sionismo, que também conquistava atenção internacional – e pela Coreia do Norte (12 ocorrências) – destacada pelo cenário pós-Guerra e Revolução Coreana. A participação estadunidense em conflitos nos três países (enquanto aliado do sionismo, do “Vietnã do Sul” e da Coreia do Sul) é também um elemento que compõe as razões para o interesse privilegiado dos Panteras em experiências de luta nestes países – considerando seu esforço constante em denunciar o imperialismo.

²⁶ Nem todas as edições dentro deste período tiveram a seção *International News*.

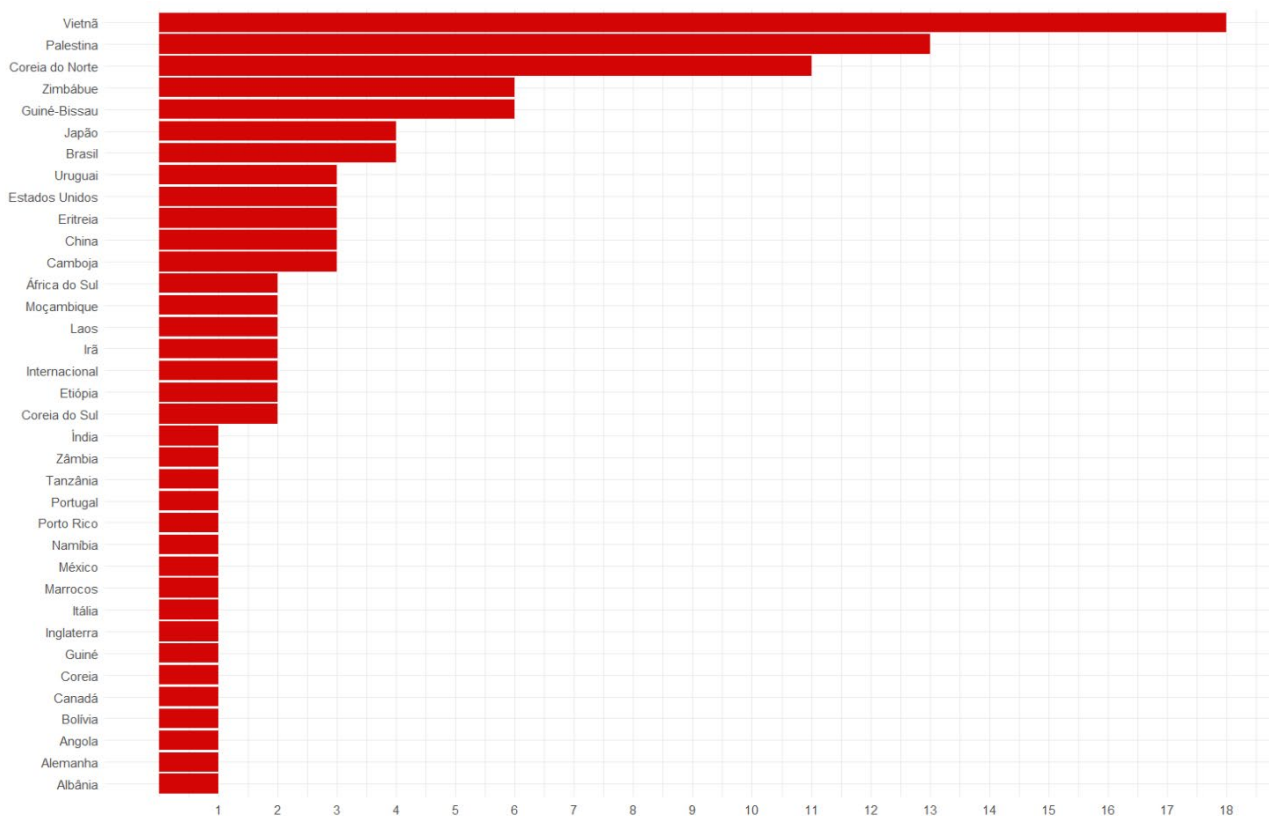
²⁷ Apesar de ser possível encontrar diferentes países e temas presentes em alguns dos textos, consideramos sempre o país e o tema que receberam mais destaque.

Figura 1 – Países citados na seção *International News* do *The Black Panther*



Fonte: Elaboração própria com base em edições do jornal *The Black Panther*.

Contudo, fazemos a ressalva de que esta primeira contagem incluiu também pequenas subseções de algumas edições da *International News* intituladas “*News Briefs*”, composta por breves comentários e resumos sobre informações pontuais ou conjuntura em diversos lugares do mundo – o que teve por efeito inflar a recorrência de alguns países. Nesse sentido, realizamos também uma segunda contagem (Figura 2) desconsiderando tais *News Briefs*, de maneira a destacar os países que receberam de fato maior atenção textual na seção dedicada como espaço para discussões internacionais. Mesmo assim, verificou-se que os três países mais mencionados permaneceram sendo o Vietnã, a Palestina e a Coreia do Norte – ainda que com uma frequência menor (respectivamente 18, 13 e 11 ocorrências).

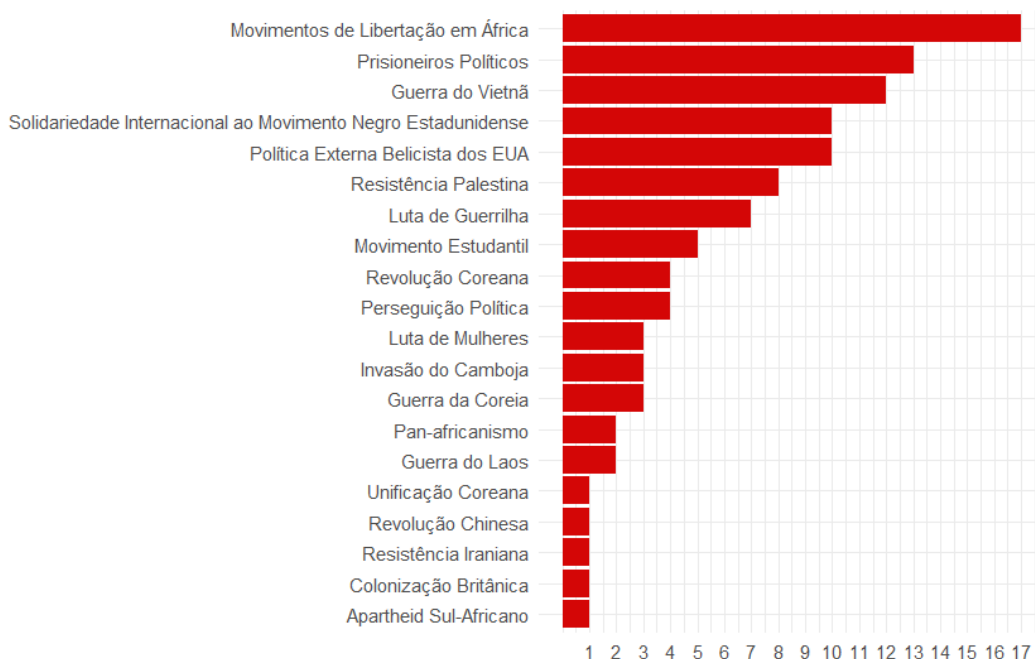
Figura 2 – Países citados na seção *International News* do *The Black Panther* (sem *News Briefs*)

Fonte: Elaboração própria com base em edições do jornal *The Black Panther*.

A pesquisa também classificou os textos em 20 categorias de acordo com a temática principal de cada material presente na seção *International News* (Figura 3).²⁸ Conforme nossa análise demonstra, os textos dedicaram-se principalmente aos Movimentos de Libertação em África (17 ocorrências), sugerindo uma relevante identificação do partido com as forças políticas negras que também se mobilizavam contra o colonialismo no continente africano. Textos centrados em discussões de Prisioneiros Políticos (13 ocorrências) tiveram a segunda maior frequência na seção, como efeito da preocupação do BPP em demandar liberdade para militantes e denunciar métodos de tortura e outras violações a direitos nos sistemas prisionais – experiências vivenciadas por diferentes grupos de dentro e fora dos Estados Unidos. Já a Guerra do Vietnã (12 ocorrências) aparece na terceira posição, demonstrando o esforço em criticar a invasão estadunidense e apoiar a resistência local.

²⁸ As *News Briefs* não fizeram parte desta análise.

Figura 3 – Temas presentes na seção International News do The Black Panther



Fonte: Elaboração própria com base em edições do jornal The Black Panther.

Quando consideramos os temas referentes aos países que mais aparecem na publicação, encontramos o seguinte: nos textos em que o Vietnã é o foco principal, discute-se Guerra do Vietnã (12), Prisioneiros Políticos (4), Solidariedade Internacional ao Movimento Negro Estadunidense (1) e Luta de Mulheres (1). Já em relação à Palestina, os textos abordam Resistência Palestina (8), Política Externa Belicista dos EUA (1), Prisioneiros Políticos (1), Luta de Mulheres (1), Pan-Africanismo (1) e Solidariedade Internacional ao Movimento Negro Estadunidense (1). Ainda, os textos sobre Coreia do Norte focam em Revolução Coreana (4), Guerra da Coreia (2), Luta de Guerrilha (2), Solidariedade Internacional ao Movimento Negro Estadunidense (2) e Política Externa Belicista dos EUA (1).

De uma maneira geral, as informações encontradas por nossa pesquisa reforçam o argumento de que os Panteras Negras se entendiam como parte de um movimento de luta internacional contra o colonialismo e o imperialismo (sobretudo estadunidense). Através do material analisado, verificou-se que era intuito do grupo conhecer, divulgar e promover solidariedade com diferentes experiências anticoloniais de fora dos Estados Unidos – com textos centrados principalmente em lutas asiáticas e africanas, prisioneiros e perseguições políticas, processos revolucionários, resistência armada e imperialismo. Ressalta-se, ainda, o esforço do BPP em divulgar o reconhecimento e apoio oriundo de diferentes povos do mundo ao movimento negro estadunidense – talvez também com o intuito de demonstrar

certa legitimação da luta dos próprios Panteras (além de outros grupos) desde uma perspectiva anticolonial.

Por sua vez, chama atenção que informações relacionadas a China, Cuba e Argélia compõem diferentes colunas e textos ao longo das múltiplas edições do *The Black Panther* durante boa parte da sua história – inclusive das que analisamos – e, no entanto, há pouca presença de textos sobre a China e nenhum sobre Cuba e Argélia na seção *International News*. Sem uma resposta definitiva para esta questão, arriscamos ensaiar a hipótese de que talvez os Panteras tenham privilegiado, na coluna voltada para assuntos internacionais, a divulgação de informações sobre experiências de luta entendidas como mais recentes ou menos conhecidas pela sociedade estadunidense (sobretudo a esquerda), com o intuito de que isto pudesse lhes trazer um destaque separado.

Também se mostra relevante notar a presença do Brasil na *International News*, que é objeto central de 4 textos e de uma *News Brief*. Destes, dois textos são republicações de outros jornais, um denunciando a repressão da ditadura brasileira e elogiando a guerrilha urbana no país (com menção à Aliança Nacional Libertadora, Carlos Marighella e ao sequestro do embaixador estadunidense)²⁹ e outro divulgando as posições de Carlos Lamarca sobre luta de guerrilha e sua crítica ao “neonazismo” da ditadura;³⁰ dois outros textos compõem a tradução de um relatório enviado à ONU dividido em duas partes, discutindo os métodos de tortura usados pela ditadura com testemunhos de pessoas torturadas;^{31, 32} já a *News Brief* relata incêndios em estações de TV em São Paulo causados pela iniciativa guerrilheira “liderada” por Marighella e Lamarca, além de roubos a bancos também realizados por guerrilheiros.³³ Os sequestros dos embaixadores Charles Elbrick e Ehrenfried von Holleben por guerrilheiros brasileiros ajudaram a chamar atenção internacional para o país, como consideraram os próprios Panteras nos textos analisados. Mas seu interesse pelo Brasil decorria de fato da experiência de guerrilha urbana como um todo – como já destacado previamente.

Considerações finais

Entende-se a elaboração teórica dos Panteras Negras como uma contribuição criativa para as teorias anticoloniais, principalmente porque sua leitura permite pensar em

²⁹ A Message to Brazilians (*The Black Panther*, v. 3, n. 29, p. 14-15, 08 nov. 1969).

³⁰ Important Statement of a Brazilian Revolutionary Leader (*The Black Panther*, v. 5, n. 4, p. 22, 01 ago. 1970).

³¹ Part I: Brazil Torture, Repression and Death (*The Black Panther*, v. 5, n. 1, p. 17 e 19, 11 jul. 1970).

³² Part II: Brazil Torture, Repression and Death (*The Black Panther*, v. 5, n. 2, p. 18-19, 18 jul. 1970).

³³ Brazil (*The Black Panther*, v. 3, n. 21, p. 15, 13 set. 1969).

um colonialismo existente no próprio seio de nações centrais do capitalismo mundial e não apenas nas periferias – ou ainda, de maneira mais específica, em um colonialismo interno na “América Negra”. Ver comunidades negras como uma nação colonizada internamente pelo próprio país é uma chave de leitura que traz outro olhar para se pensar sobre a situação do povo negro e suas possibilidades de resistência coletiva ontem e hoje – sendo ainda uma interpretação capaz de estabelecer diálogos diretos com literaturas mais consolidadas do anticolonialismo.

Para além desta contribuição teórica, também se reconhece na história dos Panteras um engajamento prático em ações que visavam cultivar laços internacionalistas de solidariedade com outros povos subalternizados pelo mundo. Tais atividades consistiram fundamentalmente em: apoio público mútuo, trocas de cartas entre lideranças, viagens formais com reuniões em diferentes países, abertura de núcleos internacionais de apoio aos Panteras, etc.

A atenção do grupo ao Vietnã e à Palestina, conforme demonstrada pela análise do jornal, aponta também para o uso da conjuntura internacional como forma de estabelecer laços de solidariedade entre militantes do partido e lutas anticoloniais e anti-imperialistas. As temáticas do material produzido ou reproduzido na seção *International News* manifestam o interesse dos Panteras em relacionar sua própria situação com movimentos de libertação em África, processos revolucionários ou situações de perseguição política, prisões e violência imperialista ao redor do mundo.

As relações que o BPP manteve com as lutas anticoloniais em outros países, para além de uma representação de solidariedade, ocorreram de maneira a aproximar a própria luta das comunidades negras com a dos outros povos subalternizados ao redor do mundo. A experiência do Partido Pantera Negra, portanto, de acordo com as próprias reflexões dos sujeitos envolvidos, permite compreender como a luta anticolonial é capaz de se expressar mesmo no grande país representante do capitalismo mundial.

Ao buscarem enfrentar o desafio de encontrar uma convergência entre a luta do povo negro, a revolução socialista e a questão nacional, os Panteras conduziram sua ação política em direção a uma relação com diferentes grupos oprimidos dentro e fora dos Estados Unidos. Sua trajetória pode revelar uma síntese importante entre a concepção marxiana do partido comunista – segundo a qual o partido político dos oprimidos deveria ter forma nacional e conteúdo internacional – e o conceito de colonialismo interno desenvolvido, a partir de Lênin, por Casanova (2007).

Como citar este artigo:

ABNT

FERREIRA, Luan Cardoso; NUNES JUNIOR, Edson Mendes. Luta anticolonial nos Estados Unidos: teoria e prática do Partido Pantera Negra. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, Niterói, v. 17, n. 2, p. 311-338, maio-ago. 2025. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202517206>

APA

Ferreira, L. C., & Nunes Junior, E. M. (2025). Luta anticolonial nos Estados Unidos: teoria e prática do Partido Pantera Negra. *Passagens rev. int. hist. pol. e cult. jur.*, 17(2), 311-338. <https://doi.org/10.15175/1984-2503-202517206>

Copyright:

Copyright © 2025 Ferreira, L. C., & Nunes Junior, E. M. Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

Copyright © 2025 Ferreira, L. C., & Nunes Junior, E. M. This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Editora responsável pelo processo de avaliação:

Gizlene Neder

Referências

BLOOM, Joshua; MARTIN JR., Waldo. *Black against empire: the history and politics of the Black Panther Party*. California: University of California Press, 2016.

CARPINI, Michael Delli. Black Panther Party: 1966-1982. In: NESS, Immanuel; CIMENT, James (org.). *The encyclopedia of third parties in America*. Armonk: Sharpe Reference, 2000. p. 190-197.

CASANOVA, Pablo González. Colonialismo interno (uma redefinição). In: BORON, Atilio; AMADEO, Javier; GONZÁLEZ, Sabrina (org.). *A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas*. Buenos Aires: CLACSO, 2007. p. 431-458.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo* (1950). Blumenau: Letras Contemporâneas, 2010.

CHAUVIN, Jean Pierre. Anticolonialismo. *Revista de Estudos de Cultura*, n. 3, p. 49-55, 2015. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/revec/article/view/4773>. Acesso em: 12 nov. 2024.

FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra* (1961). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

FERREIRA, Luan Cardoso. Contraineligência e Repressão Política nos Estados Unidos: O Caso dos Panteras Negras. *Dados*, v. 68, n. 2, 2025. <https://doi.org/10.1590/dados.2025.68.2.369>

MOKHTEFI, Elaine. *Algiers, Third World Capital: Freedom Fighters, Revolutionaries, Black Panthers*. Brooklyn: Verso, 2018.

NEWTON, Huey Percy; BLAKE, John Herman. *Revolutionary Suicide* (1973). Londres, Penguin Books, 2009.

PRASHAD, Vijay. O Lênin internacionalista: autodeterminação e anticolonialismo. *Germinal: Marxismo e Educação em Debate*, v. 12, n. 2, p. 6-20, 2020. <https://doi.org/10.9771/gmed.v12i2.39010>

SAMYN, Henrique Marques (org.). *Por uma revolução antirracista*: uma antologia de textos dos Panteras Negras (1968-1971). Rio de Janeiro, ed. do autor, 2018.

SEALE, Bobby. *Seize the time*: the story of the Black Panther Party and Huey P. Newton (1979). Baltimore, Black Classic Press, 1990.